



Artigo

Quebra-Cabeça Metodológico para Compreender Juventudes: Uma Proposta Didática para Textos Científicos

Ronaldo Josué Faller

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
ronaldo-faller@uergs.edu.br | ORCID 0000-0002-1054-3266

Laura Ebsen Teixeira Corrêa

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
laura-correa02@uergs.edu.br | ORCID 0000-0003-4435-5324

Flávia da Rosa Silveira

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
flavia-silveira@uergs.edu.br | ORCID 0000-0001-9063-7782

Sandra Monteiro Lemos

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
sandra-lemos@uergs.edu.br | ORCID 0000-0003-3517-1953

Resumo

Este artigo apresenta uma proposta didática para explorar os conceitos de juventudes, cultura e escola contemporânea, inspirada no texto “Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes?”, de Barbosa (2021). Configurando-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, este estudo analisa os processos de construção de sentido gerados durante uma intervenção pedagógica. O cenário da investigação foi um componente curricular de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), no qual se buscou cartografar as percepções e as vivências dos sujeitos envolvidos. O trabalho aborda a complexidade e a heterogeneidade das juventudes, reconhecendo a pluralidade de identidades, demandas e formas



de inserção social. Discute-se a importância de compreender as juventudes em seus contextos socioculturais específicos, considerando seu papel ativo na sociedade. Além disso, explora o impacto das novas tecnologias e da internet nas escolhas de vida dos jovens. A metodologia foi desenvolvida através de discussões em um grupo de *WhatsApp*, ancorada em metodologias dos Estudos Culturais. A metodologia utilizada envolveu a análise de textos científicos, a realização de uma aula prática e a produção de cartazes por estudantes de pós-graduação. A bricolagem foi empregada como estratégia metodológica, combinando diferentes recursos para a construção de conhecimento. A análise dos cartazes foi realizada a partir de referenciais da semiótica e dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Juventudes; Cultura; Escola Contemporânea; Metodologia; Estudos Culturais.

Abstract

This article presents a didactic proposal to explore the concepts of youth, culture, and contemporary school, inspired by the text "*Youth(s): after all, what social subjects are these?*", by Barbosa (2021). Configured as an experience report with a qualitative approach, this study analyzes the meaning-making processes generated during a pedagogical intervention. The research setting was a postgraduate curricular component in Education at UERGS, where the perceptions and experiences of the subjects involved were mapped. The work addresses the complexity and heterogeneity of youth, recognizing the plurality of identities, demands, and forms of social insertion. It discusses the importance of understanding youth within their specific sociocultural contexts, considering their active role in society. Furthermore, it explores the impact of new technologies and the internet on young people's life choices. The methodology was developed through discussions in a WhatsApp group, anchored in methodologies of Cultural Studies. The methodology used involved the analysis of scientific texts, a practical lesson, and the production of posters by graduate students. Bricolage was employed as a methodological strategy, combining different resources for knowledge construction. The analysis of the posters was carried out using frameworks from semiotics and Cultural Studies.

Keywords: Youth; Culture; Contemporary School; Methodology; Cultural Studies.

Introdução

A gênese deste manuscrito reside em uma experiência didática deliberadamente estruturada para instigar a apreensão das imbricadas noções de juventudes, cultura e o cenário da escola contemporânea. O ponto de partida para esta investigação pedagógica foi a instigante obra de



Barbosa (2021), intitulada “Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes?”. Inspirada por essa provocação, a escrita deste trabalho foi motivada pela necessidade de compreender como a escola contemporânea pode acolher a pluralidade das juventudes sem reduzi-las a categorias estáticas. Diante desse cenário, busca-se questionar de que maneira as novas sociabilidades digitais reconfiguram o papel do jovem como sujeito social ativo. Fundamentada nas metodologias que orientam os Estudos Culturais, a arquitetura do desenvolvimento desta proposta didática para a análise do referido texto emergiu de um processo de ideação coletiva, facilitado por um grupo de discussão virtual.

A opção pelo termo no plural (juventudes) ecoa o reconhecimento da heterogeneidade que matiza esta etapa da vida, marcada por um caleidoscópio de identidades, anseios e modalidades de inserção social. Essa escolha fundamenta-se na urgência de investigar como os sujeitos juvenis, atravessados por 'tempos líquidos' e pela onipresença da internet, constroem seus sentidos de pertencimento em meio a processos de exclusão e silenciamento que a escola, muitas vezes, ainda tem dificuldade de mediar. Essa pluralidade irradia-se por distintos campos, a exemplo da cultura, da política, da economia e da educação, revelando tanto zonas de divergência quanto pontos de convergência significativos entre os diversos sujeitos juvenis. Destarte, a reflexão sobre as juventudes reclama uma imersão atenta em seus contextos socioculturais específicos, aquilatando seu papel proativo na construção de uma sociedade que se pretende democrática, plural e em constante devir. Sob essa lente, os jovens se projetam como atores políticos de relevo crescente, cuja participação tem experimentado uma notável expansão e cuja visibilidade no tecido social ascende de maneira progressiva.

Sob esta égide, aprofundar os estudos dedicados às juventudes revela-se uma empreitada necessária, considerando a sua inegável importância no panorama da história contemporânea e sua presença marcante no cotidiano escolar. Adicionalmente, a irrupção da internet e seus múltiplos atravessamentos nas trajetórias e escolhas de vida dos jovens da atualidade imprimiram transformações significativas na conformação deste grupo social.

Nessa direção, o escopo primordial deste artigo consiste em promover uma discussão aprofundada acerca das juventudes, suas expressões culturais e suas intrínsecas relações com o universo escolar contemporâneo, mobilizando o corpo bibliográfico apresentado durante o



componente curricular “Juventudes, culturas e escola contemporânea”, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, do curso de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação da UERGS.

Visando à consecução dos objetivos desta investigação, os procedimentos metodológicos foram selecionados com esmero e deliberação. Em consonância com esta escolha, o presente texto articula-se em quatro seções distintas e complementares. A primeira seção, intitulada “Perspectivas Metodológicas dos Estudos Culturais para uma Compreensão das Juventudes”, apresenta os fundamentos teóricos que orientaram o componente curricular e que serão desenvolvidos na sequência do texto. A segunda seção avança na problematização das “Juventudes para além de um conceito”, buscando pontuar nuances e complexidades que transcendem as definições estáticas. A terceira seção, por sua vez, propõe um “tear de sentidos” que emerge da produção, bricolagem e ressignificação dos artefatos visuais produzidos no contexto do componente curricular, apresentando, além disso, a experiência pedagógica vivenciada pelos autores durante uma sessão didática conduzida no curso de pós-graduação. Finalmente, a última seção desta produção é reservada às considerações finais, nas quais se busca sintetizar os principais achados e reflexões suscitadas pela investigação.

A metodologia adotada neste estudo compreendeu a realização de uma sessão didática prática com estudantes de pós-graduação, na qual a análise crítica de textos científicos e a produção de cartazes emergiram como modalidades privilegiadas de expressão e síntese dos conhecimentos construídos coletivamente. A bricolagem metodológica foi empregada como estratégia central, permitindo a combinação de diversos recursos e referenciais teóricos para a análise dos dados, incorporando elementos da semiótica e dos Estudos Culturais.

O título do presente artigo evoca a analogia entre a compreensão do tema das juventudes (um domínio intrinsecamente complexo, diverso e multifacetado) e o desafio intelectual de unir as peças de um intrincado quebra-cabeça. A expressão “quebra-cabeça metodológico” sinaliza a ausência de uma via única ou de um método linear e simplificado para abordar a rica tapeçaria das juventudes. Ao invés disso, torna-se imperativo articular uma variedade de perspectivas teóricas, abordagens metodológicas, categorias analíticas e dados empíricos para construir uma compreensão mais abrangente e coerente deste grupo social caracterizado por sua marcante heterogeneidade.



Nessa perspectiva, o estudo propõe estratégias para a análise de textos científicos em sala de aula, visando aprofundar a compreensão teórica e sua integração às práticas pedagógicas. Contudo, longe de buscar uma fórmula rígida, a motivação para a escrita deste artigo reside no que chamamos de "quebra-cabeça metodológico": a compreensão de que não há uma via linear para abordar a complexidade das juventudes. A partir desse desafio, a indagação central que guiou esta escrita foi: como articular a bricolagem de diferentes saberes (teoria, artefatos visuais e observação participante) para produzir um conhecimento que não apenas descreva, mas "rompa" com as visões simplificadas sobre o ser jovem hoje?

Para além da apresentação detalhada da proposta didática, este artigo se dedica à discussão dos desafios e das potencialidades inerentes à reflexão sobre as juventudes no cenário contemporâneo, atentando para as influências multifacetadas da cultura, da tecnologia e das transformações sociais em curso. Busca-se, assim, contribuir para o aprimoramento de práticas pedagógicas que promovam uma compreensão mais acurada e sensível das juventudes e de suas complexas interconexões com a instituição escolar e com o tecido social em sua totalidade.

Perspectivas Metodológicas para uma Compreensão das Juventudes

A pesquisa teve como contexto o componente curricular *Juventudes, culturas e escola contemporânea*, ofertado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERGS. Os procedimentos metodológicos organizaram-se em duas dimensões: a estratégia pedagógica desenvolvida na disciplina e os procedimentos da pesquisa qualitativa, por meio de observação participante e registros em diário de campo, utilizados para produção e análise dos dados.

As discussões fundamentaram-se em autores como Veiga-Neto (2003), Bauman e Leoncini (2018) e Barbosa (2021), entre outros mobilizados ao longo do componente. A atividade teve início a partir do convite de uma das docentes para que sua orientanda apresentasse o artigo *Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes?* (Barbosa, 2021), previsto no cronograma da disciplina. Posteriormente, outros dois estudantes do PPGED integraram a proposta. Durante três dias, o grupo organizou a aula utilizando o WhatsApp para discutir o texto-base, elaborar um briefing, realizar um brainstorming de estratégias metodológicas e definir os recursos didáticos que subsidiariam a atividade. Esse processo colaborativo evidenciou que as problemáticas discutidas



extrapolam experiências individuais e se inserem nas transformações próprias da sociedade em rede, perspectiva que dialoga com Castells (1999).

A partir do convite, os estudantes e autores deste artigo tiveram três dias para organizar a aula. Durante esse percurso utilizou-se de um grupo no *WhatsApp*, com os três discentes convidados para “animar” o texto (verbo utilizado pela professora do componente curricular para nomear o grupo de estudantes). O grupo de autores elaborou um *briefing*¹, para alinhar a leitura do texto base, definir estratégias metodológicas e selecionar recursos didáticos. Segundo Sampaio (1997), o *briefing* ocorre todas as vezes que uma informação passa de um ponto para outro e o propósito de organizá-lo corretamente é o de assegurar a passagem da informação certa, na hora certa, da maneira certa com o custo certo.

Estabeleceu-se então, como objetivo central para esta didática, o critério da criatividade. Em seguida, realizou-se um *Brainstorming*², via *WhatsApp*, com o objetivo de criar uma vasta gama de opções para posterior análise e desenvolvimento em um método para ser utilizado na aula em questão. Cabe destacar algumas das potencialidades deste espaço *online*, que se formou para este estudo, são as seguintes:

- a) Ideação: o processo de gerar, desenvolver e comunicar novas ideias;
- b) Colaboração Criativa: ênfase na natureza conjunta e inovadora do processo, em que os participantes colaboram para construir algo novo;
- c) Desenvolvimento Colaborativo: aspecto de construção conjunta do método, utilizando as ideias compartilhadas como blocos de construção de uma abordagem estruturada;
- d) Sinergia de Ideias: sugestão de que a combinação de diferentes perspectivas pode levar a um resultado maior do que a soma de suas partes individuais;
- e) Geração Coletiva de Conhecimento: estruturação do conhecimento construído coletivamente dentro do método;

¹ É um documento ou processo de comunicação que reúne informações essenciais e estratégicas sobre um projeto, campanha, produto ou serviço, com o objetivo de orientar e alinhar o trabalho das equipes envolvidas.

² É um processo de pensamento criativo coletivo que visa estimular a geração de múltiplas ideias, sem julgamentos ou críticas iniciais, para depois selecionar, combinar e aperfeiçoar as melhores propostas. A palavra vem do inglês e significa literalmente “tempestade de ideias”.



f) Design Participativo: engajamento por meio da participação ativa e do compartilhamento de ideias.

Durante os dias de planejamento, o grupo comunicou-se através do *WhatsApp* e realizou pesquisas em outras plataformas digitais, tais como o ambiente virtual Moodle, Google Imagens e YouTube. À luz das reflexões, Bottentuit Junior e Albuquerque, (2016, p. 318), dizem que:

[...] uma sociedade em rede urge por práticas pedagógicas que utilizem o melhor que as redes de conexão proporcionam. E ignorar a utilidade pedagógica de aplicações de comunicação, como o *WhatsApp*, é negar que a criação de padrões úteis de informação é o requisito para aprender em nossa economia do conhecimento.”

Desse modo, adotar o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica contribuiu significativamente para o desenvolvimento desta didática. A tecnologia, de acordo com Hanna e Mwale (2019), agora parece ser usada num vasto espectro de áreas de pesquisa, com vários artigos descrevendo as constatações de pesquisa com entrevistas via *Skype* [ou ferramentas similares a esta] nos últimos anos. A definição das estratégias e conteúdo utilizado na aula foi feita em conjunto através destas ferramentas de comunicação, pois o pouco tempo e a distância física dos três participantes - que residem em cidades distintas - era um empecilho comum. As contribuições ocorreram de forma assíncrona ao longo do dia, conciliadas com as atividades dos participantes. Apesar das dificuldades, o uso das tecnologias digitais possibilitou a construção colaborativa do planejamento da aula, baseada no compromisso e na dedicação do grupo.

Ao iniciarem a experiência em sala de aula, os autores reuniram rapidamente os materiais pelos quais cada um havia se responsabilizado. Cabe destacar que uma das dinâmicas propostas envolvia a montagem de quebra-cabeças. No momento da reunião dos recursos didáticos, de forma proposital, embora apresentada como aleatória, foi retirada uma peça de cada quebra-cabeça. Ao todo, foram produzidos cinco quebra-cabeças diferentes para a atividade, com ilustrações instigantes para trabalhar os Estudos Culturais a partir dos conceitos de Juventudes.

No início da aula os autores fizeram uma breve introdução sobre o assunto em torno do artigo previamente disponibilizado pela professora no ambiente virtual de ensino, ao qual todos os



estudantes da turma (cerca de 28 alunos) fizeram a leitura prévia. Além disso, também foram discutidos demais autores e conceitos apresentados ao longo do componente curricular.

Após a introdução os colegas foram direcionados a formar cinco grupos, onde foram entregues envelopes contendo palavras-chave selecionadas a partir de Barbosa (2021) com citações do próprio texto e um quebra cabeça, além de algumas imagens para aguçar os tensionamento sobre juventudes. Também foram entregues cartolinas para cada grupo, disponibilizada em 5 cores (azul, rosa, verde, amarelo e branco), que de forma aleatória, cada grupo escolheu a sua. Para fomentar ainda mais a bricolagem, foi ofertado produções - desenhos mobilizadores - de jovens, sobre as suas compreensões acerca de juventudes, além disso estava a disposição: tesoura, canetão, cola, etc.

Vale ressaltar que durante a segunda e a terceira etapas, os executores da atividade circularam pelos grupos, realizando anotações e registros fotográficos do desenvolvimento do processo de bricolagem. Na quarta etapa, foram realizadas anotações das apresentações, para a mobilização da nossa escrita futura. Essa atividade se estruturou em sete etapas e se constituiu de forma colaborativa e proporcionou aos discentes um aprendizado profundo. É o que Moran (2013), ressaltar ao discorrer sobre as metodologias ativas, que a mesma, proporciona caminhos para avançar mais no conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas.

Segue abaixo na tabela que apresenta esta estrutura didática:

**Tabela 1***Estrutura da Prática Docente*

Etapa	Descrição	Tempo Estimado
Introdução	Abertura pela docente, com a retomada de alguns conceitos e autores trabalhados no componente curricular.	40 minutos
1ª Etapa	Apresentação da proposta: orientações didáticas.	8 minutos
2ª Etapa	Divisão dos discentes em 5 grupos, escolha dos envelopes e cartolinas, de forma aleatória.	7 minutos
3ª Etapa	Abertura do envelope e reconhecimento dos fragmentos, "peças" para a bricolagem (interpretação, criação e confecção dos cartazes).	30 minutos
Intervalo	Socialização e troca de informações	20 minutos
4ª Etapa	Apresentação dos cartazes e arguição da produção acerca dos conceitos presentes no texto científico, em formato de seminário, onde era possível a intervenção dos demais discentes e da docente.	1 h e 30 minutos
5ª Etapa	Reflexão acerca dos quebra-cabeças com uma peça faltante. Explicação da relação de um quebra-cabeça incompleto com o conceito de juventudes e a citação de Stuart Hall sobre a identidade: "[...] a identidade é sempre uma produção que nunca está completa, sempre em processo e sempre constituída dentro, não fora da representação[...]". (Hall, 2006, p.47).	5 minutos
6ª Etapa	Assistir ao vídeo: "Jovens dos anos 80, Programa Silvio Santos".	5 minutos
7ª Etapa	Finalização da didática - discussão livre sobre a temática, feedbacks sobre a experiência, encerramento com próximas orientações às escritas.	30 minutos
Fechamento	Registros fotográficos do grupo	5 minutos

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.



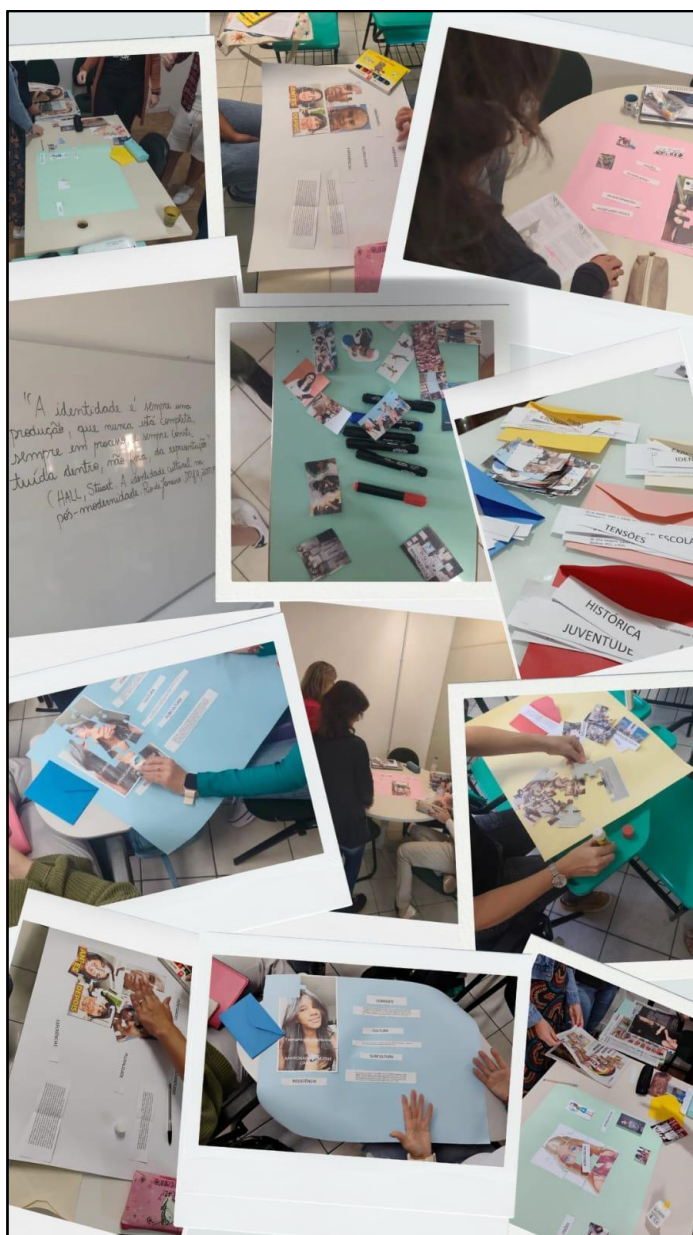
O uso das metodologias ativas, consoante Berbel (2011) permite que o discente deixe de ser um agente passivo no processo de aprendizagem para ser o ativo, ou seja, ele participa efetivamente da construção do próprio conhecimento. Para Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do estudante, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor.

Estabelecendo a conexão entre a fundamentação teórica e a prática observada, nota-se uma clara convergência entre os conceitos de metodologias ativas apresentados por Berbel (2011) e Bacich e Moran (2018) e a experiência vivenciada pela turma. A transição do aluno de um papel passivo para um agente ativo na construção do conhecimento, conforme assinala Berbel, e a ênfase no protagonismo estudantil, no envolvimento direto e reflexivo destacados por Bacich e Moran, encontram eco também na decisão dos autores em produzir este artigo, a partir das apresentações realizadas. O consentimento unânime para os registros fotográficos do processo, ilustrado na imagem subsequente, evidencia o engajamento e a participação ativa dos alunos na documentação e compartilhamento de sua jornada de aprendizagem, alinhando-se intrinsecamente aos princípios das metodologias ativas:



Figura 1

Bricolagem em produção



Fonte: Registros dos autores, 2025.



O objetivo da atividade foi promover a colaboração entre cada grupo e entre os grupos, estimulando-os a utilizar de forma criativa e crítica os materiais previamente disponibilizados. Cada grupo confeccionou um cartaz que expressasse visualmente as principais ideias, reflexões e tensionamentos construídos durante as discussões em torno do tema proposto. A apresentação dos cartazes serviu como momento de socialização do conhecimento, permitindo o intercâmbio de diferentes perspectivas, o desenvolvimento da oralidade e o fortalecimento do trabalho em equipe.

A partir da leitura de Barbosa (2021) e demais autores apresentados durante os encontros do componente curricular em uma atividade de metodologia ativa, foi realizada a bricolagem, uma remixagem, com a apropriação da leitura e juntada de fragmentos disponibilizados, dentro de envelopes.

Durante as apresentações, cada um dos autores registrou, em diário de campo, as principais falas e observações decorrentes da atividade. Posteriormente, esses registros foram triangulados com as fotografias produzidas durante a elaboração dos cartazes e submetidos à análise qualitativa de conteúdo, possibilitando a identificação das categorias temáticas que fundamentam este relato. Conforme Gil (2008), o diário de campo constitui importante instrumento para o registro sistemático das observações realizadas durante a ocorrência dos fenômenos investigados.

A elaboração dos cartazes constituiu-se como estratégia metodológica para materializar as compreensões construídas pelos grupos acerca das juventudes. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, esses artefatos foram compreendidos como produções culturais capazes de expressar sentidos, disputas e representações compartilhadas pelos participantes. Nesse contexto, a interlocução com Barthes (1964) e Peirce (1931–1958) contribui para compreender os elementos visuais e textuais como signos que produzem significados culturalmente situados. A perspectiva dos Estudos Culturais, influenciada por autores como Hall (1980), direciona o olhar para como esses cartazes se inserem em dinâmicas de poder e ideologia. A escolha de determinados elementos visuais e a forma como grupos sociais são representados podem tanto reforçar normas culturais hegemônicas quanto oferecer resistência a elas.

A análise proposta por Berger (1972) também se mostra pertinente ao examinar como as imagens nos cartazes constroem narrativas e moldam a percepção, influenciando a maneira como o público interpreta a realidade social. Dessa forma, a metodologia de confecção de cartazes nos



Estudos Culturais não se limita à criação de um produto visual, mas envolve um processo reflexivo sobre as escolhas de design, os significados culturais embutidos e o potencial do cartaz como um artefato que participa ativamente na produção e circulação de discursos dentro de uma sociedade. A apresentação desses cartazes, seja em espaços físicos ou virtuais, também se torna um aspecto crucial da metodologia, pois o contexto de exibição influencia diretamente a recepção e o impacto da mensagem.

Ao final da exposição e discussão dos cartazes também foi exposto um vídeo³ (fragmento de programa de televisão), que apresenta um recorte de um antigo programa televisivo de namoro exibido na década de 1980, que ao assisti-lo, nos remete à reflexão sobre as juventudes de outrora e de agora.

Além disso, foi previamente produzido e distribuído ao final da aula para os colegas um mapa mental do texto referencial (Barbosa, 2021), servindo de material de apoio aos discentes do componente curricular do programa. Mapas mentais são ferramentas visuais eficazes para organizar e sintetizar informações, promovendo a aprendizagem significativa. Para Souza e colaboradores (2018, p. 1) serve como “elemento norteador do processo de ensino de conceitos científicos”, pois tem a utilidade de “representar graficamente as relações significativas de aprendizagem estabelecidas pelos alunos, auxiliando o professor na condução do processo de ensino”. Na metodologia científica, eles podem ser utilizados como materiais de apoio impressos para auxiliar estudantes na compreensão e retenção de conceitos complexos.

Além disso, a produção da escrita deste artigo ocorreu de forma colaborativa, com dedicação e empenho por parte dos autores, que utilizaram um documento compartilhado no *Google drive*, acessado por meio dos e-mails institucionais da UERGS. Durante o processo de escrita, fizeram uso de caixas de comentários e à sinalização por cores para organizar as contribuições de cada participante. Do mesmo modo, o aplicativo *WhatsApp* desempenhou um papel fundamental na comunicação e articulação entre os envolvidos até a finalização do trabalho.

³ “Jovens dos anos 80 – Programa Silvio Santos”, disponível na plataforma YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvDK1wmkad0> (acesso em: 23 abr. 2025)



A escrita colaborativa como metodologia se fundamenta na ideia de que o conhecimento e a compreensão se aprofundam através da interação e da construção conjunta de ideias. Em vez de um único autor como figura central, múltiplos indivíduos contribuem com suas perspectivas, habilidades e conhecimentos para a elaboração de um texto. Segundo Bruffee (1999, p. 87) "a aprendizagem colaborativa é uma transição da dependência de uma autoridade para a dependência de uma comunidade de conhecedores." Essa abordagem pode enriquecer o conteúdo, trazer diferentes pontos de vista e promover um aprendizado mais engajador e distribuído.

Nessa perspectiva, a escrita colaborativa não é apenas uma forma de dividir tarefas, mas sim um processo social de construção de significado, onde a autoridade do conhecimento reside na interação e no consenso do grupo. A metodologia da escrita colaborativa pode envolver diversas técnicas e ferramentas, desde discussões em grupo e *brainstorming* até o uso de plataformas *online* para a edição simultânea de documentos. O foco está em criar um ambiente onde a troca de ideias e a contribuição de cada participante sejam valorizadas para a produção de um texto mais completo e abrangente.

Este artigo situa-se na teoria pós-crítica, com aproximações aos Estudos Culturais e seus desdobramentos no campo educacional, onde compreende-se que os saberes são construídos em meio às relações entre história, cultura e poder. Como destacam os autores Risk e Santos (2021), a análise de materiais culturais deve considerar os enunciados presentes "no corpus à luz de matrizes históricas, sociais e culturais" (Risk e Santos, 2021, p. 14). Essa abordagem reforça a importância de uma metodologia que reconheça a complexidade dos dados culturais e midiáticos, permitindo uma compreensão mais ampla das práticas sociais e educacionais envolvidas. As metodologias das pesquisas pós-críticas, "são construídas, fabricadas, ressignificadas, inventadas" (Meyer e Paraíso, 2012, p. 41). Durante a construção da metodologia de pesquisa não é possível que se tenha certeza dos procedimentos que realmente serão utilizados durante a pesquisa. Também não é possível que se tenha um resultado em mente definitivo, ou seja, mesmo almejando práticas metodológicas inicialmente, não podemos ficar prisioneiros dessas práticas. Logo, o planejamento das ações propostas deve estar em aberto, pois no decorrer e nas fases da pesquisa podem surgir novas questões a serem analisadas (Tezani, 2007).



Além disso, a abordagem metodológica adotada na prática em sala de aula se alinha à perspectiva da bricolagem, que permite a combinação de diferentes métodos e referenciais teóricos. A bricolagem não busca descobrir verdades ocultas, mas compreender como elas são construídas, e questionar como diferentes agentes sociais produzem e reproduzem o que é legitimado, segundo Neira e Lippi (2012), pelos discursos hegemônicos:

Ora, teorias e conhecimentos nada mais são do que artefatos culturais e linguísticos. Uma vez que a interpretação está imbricada na dinâmica social e histórica que moldou o artefato cultural sob análise, a bricolagem reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto. Consequentemente, a linguagem e as relações de poder assumem a posição central nas interpretações da realidade, pois se constituem como mediadores fundamentais na contemporaneidade (p. 610–611).

Dessa forma, a bricolagem metodológica aqui mobilizada utilizou-se de diferentes recursos, tais como: registros da aula ministrada por três estudantes vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação no contexto do componente curricular “Juventudes, Culturas e Escola Contemporânea”; os cartazes produzidos pelos grupos participantes; os elementos da dinâmica do quebra-cabeça; e o vídeo utilizado como disparador de reflexão.

Conforme proposto por Meyer e Paraíso (2012, p. 33), sobre a bricolagem, "procedemos em nossas metodologias de modo a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar". Por fim, houve uma reflexão dos participantes sobre a importância das atividades realizadas e o início da produção do presente artigo que levou cerca de três semanas.

Juventudes para Além de um Conceito

Antes de discutir sobre a definição de juventudes é necessário debatermos sobre o que é cultura. Durante o componente curricular de “Juventudes, culturas e escola contemporânea” entre outros trabalhos apresentou-se o artigo de Veiga-Neto (2003), onde o autor discute sobre as relações de cultura e educação. Para ele, houve ao longo dos séculos discussões mais superficiais em torno do assunto, mas atualmente há um crescente aumento do interesse por questões culturais (Veiga-Neto, 2003). O autor aponta que há múltiplos entendimentos contemporâneos sobre cultura



e educação e suas relações e tais entendimentos extravasam largamente o plano puramente intelectual:

Nesse contexto, o próprio papel atribuído à educação acabou transformando a pedagogia – enquanto campo dos saberes – e a escola – enquanto instituição – em arenas privilegiadas, onde se dão violentos choques teóricos e práticos em torno de infinitas questões culturais (Veiga-Neto, 2003, p. 05).

Hall (2003) corrobora essa definição ao acrescentar que as culturas seriam a 'soma de descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns' (Hall, 2003, p. 135). Para o autor, o conceito é redefinido como uma forma 'especial de processo social geral', ou seja, a 'cultura é um modo de vida global' (Hall, 2003, p. 136). Para Hall (2003):

Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias, distintas. compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado [...] há uma recusa de se fechar o campo, de políciá-lo e, ao mesmo tempo, uma determinação de se definirem posicionamentos a favor de certos interesses e de defendê-los (p. 200-201).

Além dessa discussão, é necessário contextualizar o termo "juventudes", eixo central deste artigo, uma vez que os estudos sobre esse grupo social vêm assumindo papel central na sociedade contemporânea. Nesse sentido, segundo Barbosa (2021), "debruçar-se sobre a juventude implica compreender as complexidades e singularidades que demarcam tal grupo social, tomando-a sobretudo como sujeito social ativo nas dinâmicas e determinações sociais" (p. 832). As investigações teóricas demonstram que as juventudes vão muito além de uma delimitação etária. Os jovens possuem inúmeras faces delimitadas por classe social, cultura, religião, gênero, raça, território, trajetórias e vivências.

Por esse motivo, constituem um grupo complexo e repleto de atravessamentos, o que justifica o uso do termo no plural. Não é possível elencar um perfil único de jovem ou classificá-lo de forma restrita pela idade, pois existem diferentes maneiras de vivenciar essa fase na esfera contemporânea, o que exige considerar múltiplos aspectos econômicos, sociais e culturais (Barbosa, 2021). "Discorrer sobre juventude pressupõe também compreender a dimensão plural



que a constitui, o que implica compreender as nuances presentes nas experiências das diversas juventudes" (Barbosa, 2021, p. 833).

A relevância de se estudar esse grupo social reside no fato de que ele se encontra inserido em um contexto marcado por profundas desigualdades, preconceitos e violência, tornando urgente o debate sobre seus desafios e perspectivas de futuro, sem desconsiderar seu grande potencial para a transformação social. Entender os jovens contemporâneos é fundamental, visto que estão imersos em outros tempos, gerações, culturas e territórios, o que impõe novos desafios às instituições escolares (Sibilia, 2012).

Bauman e Leoncini (2018) chamam a atenção para essa nova geração ao denominá-la de "nascidos em tempos líquidos". Para os autores, é importante discutir as profundas diferenças dessas novas gerações, principalmente no que tange às relações humanas. O termo "líquido" denota que os vínculos atuais perderam a solidez e a durabilidade em comparação com as gerações anteriores. Tudo se mostra veloz, fluido e passageiro; contudo, essas dinâmicas são culturais e coletivas, impactando temas como identidade, corpo, sexualidade e uso da internet (Bauman; Leoncini, 2018).

Nesse cenário, na geração atual de estudantes, houve uma grande mudança em relação às gerações anteriores, no sentido de que desde o nascimento, até a juventude, estes jovens já estão inseridos no meio tecnológico, nesse novo espaço, com o acesso à internet e demais tecnologias existentes nos dias atuais, e que estes jovens são atravessados pelas diversidades de práticas e hábitos sociais (Prensky, 2001; Feixa e Weissbock, 2019). No entanto, de acordo com Bauman e Leoncini (2018), embora a web seja frequentemente concebida como um espaço democrático, sua estrutura de organização das relações pessoais aproxima-se mais de uma lógica de controle do que de princípios democráticos, especialmente no modo como regula a interação entre os usuários.

Por outro lado, apesar de haver resistências por parte de alguns docentes, produções acadêmicas recentes sustentam que a escola deve se adaptar a essa nova geração e incorporar o uso das redes sociais, associando essa atualização à melhoria do processo de ensino-aprendizagem.



Bauman e Leoncini (2018) argumentam que o excesso de exposição faz com que os jovens utilizem o próprio corpo como principal ferramenta de expressão. Na atualidade, a aparência assume papel central: tatuagens, *piercings*, modificações corporais e cirurgias plásticas funcionam como formas de exteriorizar narrativas pessoais. Há uma busca por pertencimento expressa por práticas corporais comercialmente exploradas pelas indústrias cosmética e *fitness*. Para os autores, as redes sociais geram ansiedade, pois os jovens buscam validação por meio de curtidas e seguidores, fazendo com que o "parecer" se sobreponha ao "ser", o que pode culminar em esgotamento emocional (Bauman; Leoncini, 2018).

Nesse contexto, os estudantes atuais diferem das gerações anteriores por permanecerem conectados a maior parte do tempo; consequentemente, o fluxo de informações que recebem não provém exclusivamente da escola, exigindo que a instituição repense suas práticas (Prensky, 2001). A internet alimenta a ilusão de que somos indivíduos autônomos capazes de "gerir a superabundância de busca do sentido da vida" (Bauman; Leoncini, 2018, p. 36). Essa hiper-exposição acarreta riscos à segurança física e psicossocial, como o aumento de transtornos alimentares, problemas socioafetivos e vulnerabilidades diversas.

Como apontam Bauman e Leoncini, "não é possível aumentar a própria segurança sem reduzir a própria liberdade, nem aumentar a própria liberdade sem ceder um pouco da própria segurança" (2018, p. 42). Torna-se imperativo discutir como a sociedade e a escola podem mitigar os comportamentos deletérios decorrentes do uso inadequado das redes sociais (Bittar; Soares, 2020). Essa discussão ganhou ainda mais relevância com a promulgação da Lei n.º 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que dispõe sobre a utilização de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais por estudantes nos estabelecimentos públicos e privados de educação básica.

Neste contexto, é necessário se pensar nas juventudes, culturas e escola contemporânea como temas que são atravessados por múltiplos aspectos da sociedade. Ou seja, entre outros desafios, o professor deve se preocupar em fazer alterações na forma de ensinar com a mudança das gerações (Sibilia, 2012).

Pensar as juventudes, as culturas e a escola contemporânea exige reconhecer que esses temas são transversalizados por múltiplos aspectos sociais. Portanto, a escola deve buscar novas estratégias de ensino para lidar com tempos de dispersão (Sibilia, 2012), adaptando suas



abordagens pedagógicas às transformações geracionais. É crucial superar resistências e integrar as tecnologias digitais e as particularidades dos jovens ao cotidiano escolar, valorizando seu potencial transformador.

Tecendo Sentidos: a Bricolagem Discente como Estratégia de Reprodução e Análise de Cartazes

A investigação utiliza a bricolagem não apenas como metodologia ativa em sala de aula, mas como rigor de pesquisa, permitindo articular de forma não linear os fragmentos teóricos, os artefatos visuais e as falas dos sujeitos para a compreensão do fenômeno estudado (Levi-Strauss, 1962), em que os discentes remixaram fragmentos de textos (palavras-chave, citações e montagens de quebra-cabeças) para construir sentidos coletivos sobre juventudes. A bricolagem, nesse sentido, instaura uma lógica de conhecimento baseada na combinação criativa e no deslocamento de significados.

A análise dos cartazes recorre à semiótica para investigar os processos de construção de sentido sobre as juventudes. Para isso, aplicam-se referenciais clássicos que distinguem a tríade do signo (ícone, índice e símbolo) e a relação entre denotação e conotação, sob a ótica de que a obra permite múltiplas leituras.

Para a análise dos cartazes (Figura 2), os autores passam pela semiótica, campo dos Estudos Culturais, que realiza o estudo dos signos e dos processos de significação, a fim de contribuir na análise de como os cartazes "significam" as juventudes. Nesta lógica, a juventude é representada como sujeito múltiplo, híbrido e em constante transformação, não existe "uma juventude", mas "juventudes" (Abramo, 1997; Dayrell, 2003). A bricolagem evidencia que o sujeito jovem é atravessado por experiências fragmentadas e pela cultura da remixagem típica do contemporâneo (Canclini, 1997).

Com apoio dos Estudos Culturais (Hall, 1997; Willis, 1990), é possível afirmar a pluralidade das identidades juvenis: A não-fixação dos elementos visuais e textuais aponta para um entendimento pós-moderno da identidade (Hall, 1992), como algo sempre "em processo", nunca acabado. Neste sentido, cabe informar que de forma proposital, dentro de cada envelope havia um quebra-cabeça faltando uma peça, sendo impossível de completá-lo.



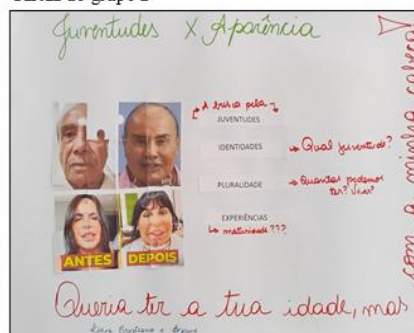
Figura 2

Cartazes

Cartaz do grupo 1



Cartaz do grupo 2



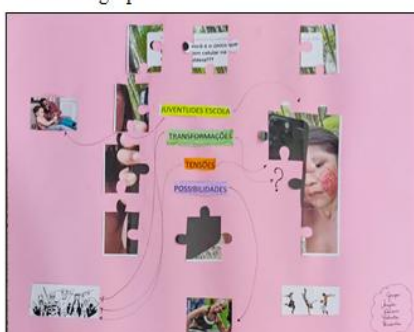
Cartaz do grupo 3



Cartaz do grupo 4



Cartaz do grupo 5



Fonte: Elaborado pelos discentes, 2025.

Os cartazes não apenas descreveram as juventudes, mas a performatizam, os jovens são vistos como produtores de cultura e não apenas consumidores passivos (Willis, 1990). Algumas escolhas de palavras (“reexistir”, “voz”, “territórios”) mostram a juventude como ator político ativo, capaz de disputar espaços simbólicos (Giroux, 1997).

Para esta etapa da pesquisa, os cinco cartazes produzidos pelos discentes, organizados em cinco grupos, serão analisados. Contudo, optamos por realizar a análise em profundidade do cartaz elaborado pelo grupo 3, selecionado criteriosamente por apresentar maior densidade de elementos semióticos que tensionam diretamente os conceitos de juventude normativa discutidos na fundamentação teórica, tomando-o como ponto de partida para a compreensão dos sentidos construídos na atividade de bricolagem.

Ao avançarmos para a análise do Cartaz 3 (Figura 3), selecionado criteriosamente entre o corpus desta pesquisa, deparamo-nos com uma peça que sintetiza as principais tensões aqui discutidas. A escolha por este material específico justifica-se pela sua densidade simbólica.

Figura 3

Cartaz do Grupo 3



Fonte: elaborado pelos discentes.



Na aula inaugural proferida no Collège de France, posteriormente publicada como “A Ordem do Discurso”, Foucault (2014) problematiza a relação entre poder, verdade e autoridade, argumentando que o discurso opera como uma tecnologia de controle social. Para o autor, o discurso não é apenas uma ferramenta comunicacional, mas um mecanismo que produz saberes e regula condutas, sendo mobilizado por instituições como a escola, a religião e o Estado para estabelecer o que é considerado verdadeiro ou falso. Hall (2006) dialoga com Foucault, e aprofunda essa perspectiva ao afirmar que o discurso é um sistema de representação que constrói objetos de conhecimento e define os termos em que esses objetos podem ser compreendidos. Segundo ele, o discurso “governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido” e orienta práticas sociais, influenciando a conduta dos sujeitos (Hall, 2006, p. 80).

Nesse sentido, as frases presentes nos cartazes (“Melhor Idade?”, “Por que?”, “Para quem?”, “De quem?”, “Quais?”) convocam a uma reflexão crítica. À luz de Foucault (2014), é possível compreender que tais expressões não são neutras; elas integram uma produção discursiva que moldam desejos, comportamentos e modos de ser. A estrutura dessas perguntas remete, ainda, à lógica da produção de notícias e da construção da informação, que funciona como um dispositivo de manutenção e circulação de determinados discursos. Assim, tanto o cartaz quanto a forma jornalística de apresentar os fatos contribuem para sustentar sistemas de representações sociais, reforçando ou, em alguns casos, tensionando as normas, identidades e condutas socialmente valorizadas.

A presença de uma peça de quebra-cabeça faltante, onde se lê “Normas Sociais”, juntamente com palavras e expressões como “linda”, “maternidade”, “ansiedade”, “sonho” e “melhor idade”, e questionamentos escritos como “Para quem?”, “Por quê?”, “De quem?” e “Quais?”, sugere uma crítica aos processos normativos que associam a juventude a padrões de beleza, sucesso e expectativas sociais. Ao incluir imagens de diferentes idades e grupos sociais, o cartaz tensiona a ideia de uma juventude normativa e homogênea, apresentando-a como uma construção intergeracional e multifacetada.

Além disso, a imagem da boneca Barbie, um ícone da cultura de massa, simboliza padrões estéticos e sociais, especialmente para as mulheres jovens (Baudrillard, 1991), presente no cartaz,



adiciona uma camada simbólica a essa discussão. A Barbie representa uma idealização padronizada de feminilidade, frequentemente associada à juventude, à beleza e ao sucesso, atributos amplamente idealizados, mercantilizados e consumidos. A popularização do estilo *Barbie Core*, termo que se refere a uma tendência de moda inspirada nos padrões de beleza e corpo da boneca Barbie, especialmente entre a geração Z⁴, surge como um movimento ambíguo. Isso porque, ao mesmo tempo em que se apropria da estética rosa para questionar estereótipos de gênero, uma vez que cores escuras costumam ser associadas à seriedade e profissionalismo, enquanto o rosa era tradicionalmente visto como algo frágil, enfatizando exclusivamente o feminino, o que também pode contribuir para a criação de uma nova padronização identitária. Esse movimento tenta romper com antigos estereótipos e pode criar novos padrões de identidade. Nesse contexto, a imagem da Barbie tensiona os discursos normativos, funcionando tanto como crítica quanto como reforço de certas normas sociais relacionadas ao feminino, à juventude e ao consumo.

Esse tensionamento se expressa, por exemplo, no fenômeno conhecido como “Síndrome da Barbie”⁵, termo utilizado para descrever o desejo de alcançar uma aparência física e um estilo de vida similares aos apresentados pela boneca. Dessa forma, Cechin e Silva (2012) chamam atenção para uma pedagogia cultural, com o intuito de ensinar a supremacia de um tipo de corpo, etnia e comportamento.

Assim, a boneca Barbie deixa de ser apenas um brinquedo e passa a operar como um dispositivo discursivo que influencia profundamente a constituição dos sujeitos, de seus corpos e identidades. Relacionamos essa análise com o currículo, pois ele não apenas transmite os objetos de conhecimento, mas também constitui os sujeitos, regulando os modos de ser, pensar e agir. A presença de elementos como a imagem da Barbie no cartaz analisado evidencia como tais discursos atravessam o espaço escolar, reforçando e reproduzindo ideais de corpo, gênero, sucesso e juventudes que circulam nesse espaço. Esses discursos são frequentemente mobilizados por

⁴ Geração Z é o conjunto de crianças que nasceram na primeira década do século XXI, imersas na tecnologia digital e com novos hábitos em relação às gerações anteriores

⁵ É um termo usado para descrever o desejo de ter uma aparência física e um estilo de vida representativo da boneca Barbie. É mais frequentemente associado a meninas pré-adolescentes e adolescentes, mas é aplicável a qualquer faixa etária ou sexo. Uma pessoa com a síndrome da Barbie tenta imitar a aparência física da boneca, mesmo que ela tenha proporções corporais inatingíveis. Essa síndrome é vista como uma forma de distúrbio dismórfico corporal e resulta em vários distúrbios alimentares, bem como em uma obsessão por cirurgia estética. Fonte: Wikipédia. <https://en.wikipedia.org/wiki/Barbie>. Acesso em 16 maio de 2025.



práticas curriculares que valorizam certos estilos, padrões, experiências, comportamentos e formas de presença, enquanto marginalizam ou silenciam outros.

A obra propõe uma reflexão crítica sobre como os "sonhos" e as "visões de futuro" são socialmente construídos e, muitas vezes, impostos (Abramo, 1997; Bourdieu, 1989). A figura da boneca Barbie representa a pressão estética e o ideal inatingível de sucesso pessoal, frequentemente associado às mulheres jovens (Giroux, 1997; Canclini, 1995). O uso da interrogação destaca quem constrói as representações sobre a juventude e a quem elas servem, uma crítica típica dos Estudos Culturais.

Dessa forma, ancorado nos Estudos Culturais, o cartaz revela que a juventude não é algo natural, mas construída a partir de discursos que circulam na mídia, na escola e na família (Hall, 1997). Apesar da imposição de normas, os jovens reinterpretam e, muitas vezes, subvertem essas representações (Giroux, 1997). A análise da boneca Barbie como ícone de consumo cultural evidencia como as práticas de consumo veiculam modelos de feminilidade, sucesso e *status* (Canclini, 1995), moldando a formação identitária das juventudes.

O grupo 3 inicia sua apresentação deixando claro que não pretendia oferecer respostas fechadas, mas abrir espaço para questionamentos. O cartaz apresentado provoca alguns tensionamentos importantes sobre os estereótipos que moldam as juventudes. A peça ausente da boca no quebra-cabeça é simbólica e potente, representa a voz silenciada, a juventude que não é ouvida, marcada por normas sociais impostas por padrões de gênero e comportamento. A partir disso, o grupo levantou questões instigantes: “[... *Mas o que são essas visões de futuro que os jovens têm? Será que elas são deles mesmo? Ou são da sociedade, do grupo onde estão inseridos?...*]”. Essas perguntas desdobram-se na reflexão crítica sobre as normas sociais que tentam enquadrar corpos, desejos e existências: “[... *Para quem eu vou ser loira, magra? Ser linda? Ser mãe? Pra quem eu faço isso?...*]”. Assim, os integrantes evidenciam como essas normas podem calar as juventudes, empurrando-as para papéis e expectativas que não necessariamente expressam suas próprias escolhas.

O grupo 3 reforça a ideia de que a juventude não é uma categoria homogênea, mas múltipla, situada em contextos específicos de classe, território, cultura e acesso a direitos. Abordaram na fala sobre os jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica que explicita essas diferenças. A



leitura deste cartaz dialoga diretamente com autores como Barbosa (2021) e com os Estudos Culturais, que reconhecem as juventudes como sujeitos produzidos nas interações sociais e culturais, de acordo com a autora, “a juventude é uma construção histórica e social” (Barbosa, 2021, p. 837). Além disso, em seu artigo, a autora conversa com outros pesquisadores para sustentar que há uma pluralidade de juventudes, marcadas por recortes socioculturais, classe social, religião, gênero, raça e território. O que evidencia que se trata, efetivamente, de uma juventude constituída pela diferença.

O uso da figura da Barbie, dos estereótipos de gênero e da imagem corporal serve como uma crítica às normas culturais hegemônicas que moldam as identidades. As representações são discutidas como construções que podem ser interpretadas de maneira positiva ou negativa, dependendo do olhar de quem as interpreta. Um exemplo disso é a tatuagem, que pode ser vista de forma positiva entre pares e negativa por figuras de autoridade (Bauman e Leoncini, 2018). Tais representações não são neutras, mas produzem significados e afetam como as identidades são percebidas, dependendo do contexto de quem interpreta. De acordo com Hall (2006, p. 71):

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remodelagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.

O grupo utiliza a ausência da boca no quebra-cabeça da Barbie como metáfora para representar as juventudes silenciadas, reforçando a importância da escola como um dos poucos espaços de escuta e visibilidade para sujeitos historicamente marginalizados. A provocação proposta tenciona o papel da instituição escolar: até que ponto ela realmente ouve, reconhece e valida essas juventudes em sua pluralidade, ou apenas reproduz normas e expectativas hegemônicas? Essa abordagem dialoga com a análise de Barbosa (2021, p. 845), que afirma:

É possível construir diálogos desde que esta juventude seja reconhecida enquanto sujeitos sociais ativos e de direitos, tais como o direito à educação, conforme preconiza o Estatuto da Juventude (EJ), de 2013 [...]. É possível construir diálogos quando as vozes e narrativas destas juventudes são legitimadas pela instituição escolar, bem como seus contextos socioculturais.



Dessa forma, o grupo convida à reflexão sobre o papel da escola como um espaço de escuta ativa e de valorização das múltiplas formas de ser jovem na contemporaneidade. Ao discutir o cartaz, destacaram que “[... às vezes, o único espaço em que o jovem pode ser escutado ou visto é a escola...]”, reforçando a responsabilidade da instituição enquanto lugar de acolhimento e reconhecimento. A ausência da boca no quebra-cabeça foi compreendida como representação simbólica de uma juventude que precisa se calar ou se moldar para pertencer, “[... essa voz calada, não podendo se expressar ou precisando se acomodar, faz toda a diferença ...]”. O grupo também destacou que “[... tudo é plural ...]”, desde a infância até a vida adulta, chamando atenção para a importância de a escola reconhecer essa diversidade em suas práticas cotidianas.

A apresentação do grupo 3 ainda evoca Bauman e Leoncini (2018), ao relacionar a juventude contemporânea com a fluidez da modernidade líquida. Para os integrantes, trata-se de uma juventude em constante transformação, que “[... a toda hora se modifica, mas se modifica a partir de algum lugar...]”. Como destacaram, Bauman e Leoncini (2018), propõe a imagem do “*sujeito líquido*”, aquele que vive em um contexto onde “tudo é muito instantâneo, tudo muda muito rápido”. Diante disso, o grupo refletiu sobre os desafios de ser jovem em uma sociedade marcada por essa instabilidade: “[...O quanto deve ser difícil ser jovem neste momento que a gente vive...]”.

Essa fluidez, no entanto, não é livre nem neutra. Ela é constantemente tensionada por normas sociais, desigualdades de acesso à tecnologia e padrões de beleza amplificados pelas redes sociais. Como aponta Bauman e Leoncini (2018, p. 07), “os nascidos em tempos líquidos se movem somente no interior da própria individualidade e buscam arduamente autenticá-la para invadir a esfera pública, na ilusão de que possa haver uma solução universal e compartilhada por todos do seu existir incompleto”.

Nesse cenário, em consonância com Bauman e Leoncini (2018), desafios do “pertencimento” com a autodefinição combinada à autoafirmação”, intensificam a instabilidade identitária dos sujeitos. Vivemos, como afirma Bauman, na “fatídica era da passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores; aquela dialética até hoje reproduzida por nós, enquanto por nossa vez somos por ela reproduzidos, forjados e refinados” (Bauman e Leoncini, 2018, p. 09).



As identidades passam a ser, crescentemente, moldadas por práticas de consumo e aparência, em um processo no qual, segundo Bauman e Leoncini, “surgiram o conceito de “identidade” e a práxis da “identificação do eu” para preencher o vazio que seu preconizado desaparecimento abriria nas rotinas vigentes de posicionamento e classificação social” (Bauman e Leoncini, 2018, p. 08).

Considerações Finais

Este artigo objetivou-se em relatar e analisar criticamente uma intervenção pedagógica ministrada por três discentes de pós-graduação em torno de discussões sobre as bibliografias apresentadas durante o componente curricular de “Juventudes, culturas e escola contemporânea” ministrada no PPGED da UERGS, com ênfase ao artigo de Barbosa (2021), tema central da determinada aula.

O artigo de Barbosa (2021) serviu como eixo central desta exploração, mas logo percebemos que o conceito de juventudes é compreendido como uma categoria analítica heterogênea, caracterizada por uma multiplicidade de fatores sociais e culturais que demandam uma análise não linear. As bibliografias nos mostraram que não há uma definição única, mas sim um emaranhado de fatores (família, sociedade, escola, política, cultura) que atravessam e moldam as experiências juvenis. Entender as juventudes, portanto, é desvendar um grupo complexo e dinâmico, um sujeito de múltiplas faces que resiste a qualquer tentativa de aprisionamento em uma única definição.

Estudar as juventudes se revela, assim, uma tarefa urgente e fundamental para a compreensão do nosso tempo. É mergulhar nas correntes que moldam a contemporaneidade, com suas transformações velozes e seus impactos profundos na formação identitária e nas formas de participação juvenil. Compreender esses sujeitos em sua pluralidade e também abrir caminhos para a construção de políticas públicas mais sensíveis e inclusivas.

A prática da bricolagem e da remixagem, observada na elaboração dos cartazes, escancarou a capacidade inventiva e a autonomia simbólica das juventudes, que transitam por diferentes códigos culturais, resignificando o que encontram e criando novas formas de expressão. O Cartaz 3 foi selecionado para análise por apresentar maior densidade de elementos semióticos que



tensionam os estereótipos e normas sociais discutidos no referencial teórico. Ao mobilizar o persistente estereótipo da 'loira burra', a imagem transcende a estética e opera como um dispositivo de poder. Este material não apenas ilustra a padronização da beleza e os privilégios da branquitude, mas provoca uma reflexão necessária sobre a cristalização de preconceitos na comunicação visual, consolidando-se como um ponto de partida crítico para as discussões propostas nesta pesquisa.

A didática proposta coloca os sujeitos envolvidos na ação e construção de sentidos, a partir da criação mútua que se estabelece na bricolagem, e que nesta prática se mostram mestres na arte de recombinação de elementos, de construir e desconstruir quebra-cabeças identitários a partir das peças disponíveis e também, tencionaram sobre as peças ausentes.

A elaboração colaborativa deste estudo permitiu uma compreensão aprofundada sobre as juventudes contemporâneas, evidenciando a eficácia das metodologias ativas na integração entre teoria e prática pedagógica. Apesar da urgência que nos impulsionou na organização desta proposta e na tessitura destas palavras (um ritmo acelerado que, ironicamente, ecoa a própria experiência da juventude contemporânea), sentimos que a colaboração digital se revelou um fértil terreno para a germinação de ideias.

As ferramentas digitais, antes meros instrumentos de comunicação a distância, transmutaram-se em pontes invisíveis que nos uniram em um propósito comum. A colaboração ocorreu de forma remota, utilizando ferramentas de comunicação instantânea e edição compartilhada para centralizar os debates, registros de observação e a redação conjunta do manuscrito. Foi como montar um intrincado quebra-cabeça, onde cada um de nós, de diferentes cantos, encaixava suas peças de entendimento, cores e texturas singulares, até que a imagem do todo começasse a ganhar nitidez.

Nesse processo, a voz dos jovens, amplificada pelas leituras instigantes e pelas discussões vibrantes dos cartazes, ressoou com urgência. A escola, palco crucial de suas vivências, clama por se tornar um espaço de escuta genuína, de acolhimento das múltiplas formas de ser jovem que florescem em nossa contemporaneidade. Ignorar a profunda transformação geracional, marcada pela imersão no universo digital que redefine suas percepções e interações, seria como tentar encaixar à força uma peça de outro quebra-cabeça.



Durante a elaboração desse trabalho, considerou-se que as apresentações e representação dos cartazes foram produtivas e instigantes. No percorrer das falas foi possível observar que os estudantes do curso de pós-graduação se alinham em seus pensamentos em torno da temática juventudes. Também foi possível observar, como as aulas do componente curricular contribuíram para as pesquisas de cada estudante e também dos autores do presente artigo.

A dinâmica da aula, com os materiais digitais e físicos, catalisou uma participação ativa e engajada de nossos colegas. Suas falas, ao final da jornada, ecoaram a riqueza da discussão proposta, reafirmando a vital importância de metodologias que convidem à troca, à reflexão e à construção conjunta do conhecimento.

As apresentações compartilham a crítica aos silenciamentos impostos às juventudes e a valorização da escuta como elemento central no ambiente escolar. Dois grupos de alunos utilizaram simbolicamente a ausência da boca em suas imagens para representar a falta de voz e o apagamento das expressões juvenis, especialmente entre aqueles em situação de vulnerabilidade. Nesta perspectiva, os discentes ressaltaram a pluralidade das juventudes, denunciando os estereótipos e padrões normativos que limitam suas identidades e trajetórias.

Os cartazes trouxeram à tona as tensões vividas, os silenciamentos impostos e a busca por pertencimento em meio a padrões estéticos muitas vezes opressores. A metáfora da Barbie sem boca, assim como a peça retirada simbolicamente do quebra-cabeça do jovem tatuado, ecoaram a urgência de uma escuta atenta e de um ambiente escolar que valorize a pluralidade das vozes juvenis. A insistência em um olhar que pluralize o termo “juventude”, denunciando normas e estereótipos, nos lembra da armadilha de pensar as culturas juvenis como “subculturas”, um termo que, muitas vezes, carrega consigo uma hierarquização e uma marginalização que os Estudos Culturais buscam desconstruir.

A inversão na espiral histórica, ilustrada pela busca pela juventude eterna em contraste com a valorização da maturidade em outros tempos, nos convida a refletir sobre as construções sociais que moldam nossas percepções e expectativas em relação às diferentes fases da vida. A idealização da juventude como mera aparência física, denunciada nos cartazes, clama por uma desconstrução urgente, revelando a mercantilização das identidades e o apagamento da riqueza da experiência.



Neste sentido, reconhecemos a instigante jornada que foi explorar as juventudes a partir das bibliografias do componente curricular. Nossas discussões se alinham em torno da complexidade e da urgência do tema, e percebemos como essa imersão teórica nutre nossas próprias pesquisas. Contudo, ecoa a necessidade de mais investigações e estudos de campo que trazem as vozes dos próprios jovens para o centro do debate, desvendando as peças ainda não encaixadas desse vasto e dinâmico quebra-cabeça que são as juventudes contemporâneas. É preciso sensibilidade, escuta e um olhar que reconheça a multiplicidade de seus mundos, para que a escola se torne, de fato, um espaço de acolhimento, compreensão e florescimento de seus múltiplos saberes.

Por fim, cabe mencionar que se constatou uma relativa dificuldade de localização de publicações recentes no campo das juventudes, possivelmente devido à ocorrência de ações educativas escolares que não são amplamente divulgadas no meio científico. A escassez de trabalhos sobre o tema reforça a necessidade de mais investigações e pesquisas em torno dessas temáticas, além da sensibilização dos educadores e do Estado face às problemáticas apontadas. Aponta-se para a importância de novos estudos na área pesquisada, inclusive investigações de campo junto ao público-alvo, visando a uma melhor compreensão do problema. Faz-se necessário trabalhar o pensar e o eu filosófico do jovem, dimensões que devem ser mais exploradas pelos próprios sujeitos e integradas aos métodos didáticos no ambiente escolar.

Referências Bibliográficas

- Abramo, H. W. (1997). Considerações sobre a juventude contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, (0), 25–32.
- Bacich, L., & Moran, J. (2018). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática*. Penso.
- Barbie. (2025, 1 de maio). In *Wikipédia: A enciclopédia livre*. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbie>.
- Barbosa, J. S. (2021). Juventude(s): Afinal, que sujeitos sociais são estes? *Cadernos do Aplicação*, 34(1). <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao>.
- Barthes, R. (1977). *Elementos de semiologia* (I. Blikstein, Trad.). Cultrix. (Obra original publicada em 1964).
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulação*. Relume Dumará.



- Bauman, Z., & Leoncini, T. (2018). *Nascidos em tempos líquidos: Transformações no terceiro milênio*. Zahar.
- Berbel, N. A. N. (2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(1), 25–40.
- Berger, J. (1972). *Ways of seeing*. Penguin Books.
- Bittar, C., & Soares, A. (2020). Mídia e comportamento alimentar na adolescência. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 291–308.
- Bottentuit Junior, J. B., & Albuquerque, O. C. P. (2016). Possibilidades para o uso do WhatsApp na educação: Análise de casos e estratégias pedagógicas. In *Anais do I Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação* (pp. 315–332). UFC.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Difel.
- Bruffee, K. A. (1999). *Collaborative learning: Higher education, interdependence, and the authority of knowledge* (2ª ed.). Johns Hopkins University Press.
- Canclini, N. G. (1995). *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Editora UFRJ.
- Canclini, N. G. (1997). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (A. R. Lessa & H. P. Cintrão, Trans.). Edusp.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.
- Cechin, M. B. C., & Silva, T. (2012). Assim falava Barbie: Uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(3), 623–638.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, (24), 40–52.
- Feixa, C., & Weissbock, L. P. (2019). Da geração @ à geração blockchain: A juventude na era postdigital. *Textura*, 21(47), 51–70.
- Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso* (24ª ed., L. F. A. Sampaio, Trad.). Edições Loyola.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Giroux, H. A. (1997). *Cruzando as fronteiras: Educadores como intelectuais transformadores*. Artes Médicas.
- Hall, S. (1992). Cultural studies and its theoretical legacies. In L. Grossberg, C. Nelson, & P. Treichler (Eds.), *Cultural studies* (pp. 277–294). Routledge.



- Hall, S. (2003). Estudos Culturais: Dois paradigmas. In *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (pp. 123–148). Ed. UFMG.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed., T. T. Silva & G. L. Louro, Trans.). DP&A.
- Hanna, P., & Mwale, S. (2019). “Não estou com você, mas estou...”: Entrevistas face a face virtuais. In V. Braun, V. Clarke, & D. Gray (Eds.), *Coleta de dados qualitativos: Um guia prático para técnicas textuais, midiáticas e virtuais*. Vozes.
- Lévi-Strauss, C. (1989). *O pensamento selvagem*. Papirus.
- Meyer, D. E., & Paraíso, M. A. (Orgs.). (2012). *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Mazza Edições.
- Moran, J. M. (2013). *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda*. USP. http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_aprendizagem.pdf.
- Neira, M. G., & Lippi, B. G. (2012). Tecendo a colcha de retalhos: A bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educação & Realidade*, 37(2), 607–625.
- Peirce, C. S. (1931–1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce* (Vols. 1–8). Harvard University Press.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1–6.
- Risk, E. N., & Santos, M. A. (2021). Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: Critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. *Psicologia & Sociedade*, 33.
- Sampaio, R. (1997). *Propaganda de A a Z: Como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso*. Campus.
- SBT. (2014, 17 de março). *Jovens dos anos 80 – Programa Silvio Santos* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=bvDK1wmkad0>.
- Sibilia, P. (2012). *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão*. Contraponto.
- Souza, V. A., Silva, J. F., & Figueiredo, J. F. (2018). O uso de mapas conceituais como estratégia de ensino no ensino de ciências. *Educere et Educare*, 13(26), 237–250.
- Tezani, T. C. R. (2004). As interfaces da pesquisa etnográfica na educação. *Revista Linhas*, 5(1).
- Veiga-Neto, A. (2003). Culturas, cultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, (23), 5–15.
- Willis, P. (1990). *Common culture: Symbolic work at play in the everyday cultures of the young*. Open University Press.